

Percepção de professores do ensino regular sobre recursos e estratégias para o ensino de alunos com deficiência

Walquíria Gonçalves Reganhan*
Eduardo José Manzini**

Resumo

A adaptação de recursos e estratégias para o ensino de alunos com deficiência é uma importante atividade para que as necessidades educacionais especiais sejam atendidas num contexto inclusivo. Com essa temática, objetivou-se investigar como os professores do ensino regular, que têm alunos com deficiência matriculados em suas salas, percebem os recursos pedagógicos e as estratégias de ensino para esses alunos. Cinco professores foram entrevistados sobre o assunto. Os resultados indicaram que os entrevistados: 1) definiram recursos de forma semelhante à literatura da área; 2) realizaram adaptações nos recursos pedagógicos para atender às necessidades de seus alunos, mas todos afirmaram a necessidade de apoio externo de outros profissionais e 3) expressaram dificuldade em perceber e descrever as estratégias de ensino utilizadas. As conclusões indicaram que parece ser necessária uma base teórica mais sólida na formação desses professores no sentido de explicar suas ações pedagógicas.

Palavras-chave: Recursos pedagógicos. Estratégias de Ensino. Inclusão.

Regular education teacher's perception about resources and strategies for teaching disabled students

Abstract

The resources and strategies adapted for disabled students are an important activity so that the special education needs in the inclusion environment are reached. Thus, the goal of this study was to identify how regular education teacher that have disabled student in their classrooms acknowledge the resources and strategies for these students. Five teachers were interviewed. The results indicated that the interviewees: 1) defined the resources the same way the literature of the area does; 2) performed adaptations in the pedagogic resources to reach the needs of the students but they all claimed the need for external aid from other professionals; and 3) expressed difficulty to acknowledge and to describe the strategies of the teaching used. The conclusion indicated that a more solid theoretical ground in the education of these teachers is necessary so that they explain their pedagogic actions.

Keywords: Pedagogic resource. Teaching Strategies. Inclusion.

* Professora da Universidade Paulista Bauru (SP).

** Professor Doutor da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Departamento de Educação Especial.

Introdução

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1999) apontam que, para o ensino do aluno com deficiência, há necessidade de modificação dos elementos curriculares, físicos, ambientais e materiais de ensino.

As modificações podem ocorrer por meio da: 1) adaptação de materiais de uso comum em sala de aula; 2) adoção de sistema alternativo de comunicação adaptado às possibilidades do aluno; 3) adaptação dos elementos materiais, tais como, edifício escolar, mobiliário, materiais de apoio pedagógico; 4) adoção de métodos e técnicas de ensino e aprendizagem específicas para o aluno; 5) utilização de técnicas, procedimentos e instrumentos de avaliação distintos da classe, quando necessário, sem alterar os objetivos da avaliação e seu conteúdo; 6) priorização determinados objetivos e conteúdos (BRASIL, 1999).

Assim, a adaptação de recursos e estratégias é relevante na educação, pois, pretende-se, com as adaptações, atender às necessidades educacionais do aluno com deficiência, o que possibilita um ensino que respeite as características individuais dos alunos, desenvolvendo seu potencial, sua interação, descoberta e compreensão do mundo.

Uma importante diferenciação deve ser feita entre recurso e estratégia para ensino. Estratégia de ensino é um complexo de inúmeras variáveis possíveis. O critério importante na seleção da estratégia é conhecer o processo, suas características e implicações para o desenvolvimento da criança. É uma tomada de decisões sobre a organização da aula, a execução, avaliação e as especificações relacionadas ao ambiente.

Tendo como contexto o ensino do aluno com deficiência física, mais especificamente o aluno com paralisia cerebral, Manzini (1999) e Manzini e Deliberato (2007) conceituaram o recurso pedagógico como um estímulo concreto, manipulável e que a esse estímulo seja atribuído uma ou mais finalidades pedagógicas.

A utilização do recurso pedagógico e da estratégia de ensino deveria estar presente nas salas de aulas em diferentes momentos e situações, ou seja, nos momentos de avaliação, ensino e reavaliação (MANZINI; DELIBERATO, 2007). O ensino do aluno com deficiência, matriculado na classe comum, geralmente, exige uma variedade de recursos e estratégias não utilizadas rotineiramente no contexto de ensino comum (BRASIL, 1999). Nesse sentido, poder-se-ia questionar: estariam presentes em sala de aula do ensino comum, que tenham alunos com deficiência matriculados, recursos pedagógicos adaptados? Como os professores dessa sala compreendem a necessidade desses recursos? É possível identificar as percepções desses professores sobre os recursos e as estratégias para o ensino de alunos com deficiência?

Mediante essa problemática, buscou-se investigar *como os professores do ensino regular, que têm alunos com deficiência matriculados em suas salas, percebem os recursos pedagógicos e as estratégias de ensino para esses alunos.*

2 Desenvolvimento metodológico

Participaram do estudo cinco professoras que atuavam no ensino regular numa cidade do interior de São Paulo e que já haviam recebido alunos com deficiência em suas salas. Os professores foram contatados, informados sobre os objetivos do estudo e convidados a participarem. Os professores, que concordaram em participar do estudo, assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido, que indicava a necessidade de gravação da entrevista e informava sobre a divulgação dos dados com a preservação das identidades dos participantes. No quadro a seguir, são apresentadas as características dos participantes.

Part.	Ano da formação	Tempo de exercício	Série atual	Formação
P1	2003	4 anos	Ensino Fundamental - 3ª série	Magistério, Pedagogia em DM
P2	2002	9 anos	Ensino Fundamental - 2ª série	Magistério e Pedagogia
P3	1995	8 anos	Ensino Fundamental - 1ª série	Magistério e Ciências Sociais
P4	1999	5 anos	Educação Infantil - Jardim II	Magistério e Pedagogia
P5	1991	15 anos	Educação Infantil - Pré III	Magistério e História

Quadro 1 - Identificação dos participantes da pesquisa.

Cabe salientar que apenas o participante P3 já havia tido experiência prévia com aluno com deficiência física matriculado em sua sala de aula.

O Quadro 2 apresenta as características dos alunos com deficiências que estavam matriculados nas salas de aulas do professores entrevistados. Salienta-se que E1 freqüentava a sala de P1, E2 a sala de P2, e assim sucessivamente.

Part.	Deficiência	Idade	Atendimento recebido em outro local
E1	Cego (olho direito)	9 anos	Não recebia
E2	Física	9 anos	Centro especializado
E3	Auditiva	8 anos	Sala de recurso em escola estadual e centro especializado
E4	Mental	4 anos	Não recebia
E5	Visão subnormal	6 anos	Não recebia

Quadro 2 - Características dos alunos com deficiência matriculados nas salas de aulas dos participantes da pesquisa.

As informações foram obtidas por meio de um roteiro de entrevista semi-estruturado. O roteiro de entrevista foi previamente elaborado contemplando os objetivos do estudo proposto e, posteriormente, foi avaliado por quatro juízes (MANZINI, 2003). As modificações do roteiro de entrevista semi-estruturada foram realizadas conforme as sugestões propostas pelos juízes.

O roteiro de entrevista contou com duas partes: 1) perguntas com o objetivo de obter informações sobre como os professores percebiam os recursos pedagógicos adaptados para o ensino do aluno com deficiência e sobre como percebiam as estratégias de ensino; 2) perguntas que serviram para caracterizar os participantes e seus alunos com deficiência.

Para o estudo, foi adotada a definição de entrevista elaborada por Manzini (2004):

[...] A entrevista pode ser concebida como um processo de interação social, verbal e não-verbal, que ocorre face a face, entre um pesquisador, que tem um objetivo previamente definido, é um entrevistado que, supostamente, possui a informação que possibilita estudar o fenômeno em pauta e cuja mediação ocorre, principalmente, por meio da linguagem.

As entrevistas foram realizadas nas residências dos participantes e tiveram duração aproximada de 20 minutos.

As verbalizações das entrevistas foram transcritas usando-se os critérios da gramática da língua portuguesa. As informações foram analisadas tendo como fundamento a análise do conteúdo proposta por Bardin (2000), mais espe-

cificamente, a *análise temática*, que é uma derivação da técnica de análise por categorias.

Segundo Bardin (2000, p. 42), a análise do conteúdo pode ser definida como:

[...] Um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter por procedimentos, sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a interferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

A análise de categorias é uma das técnicas mais antigas da análise de conteúdo e funciona como uma operação de desmembramento do texto em unidades segundo re-agrupamentos analógicos. Dentre as várias formas de análise de categoria, a investigação dos temas, ou *análise temática*, é rápida, eficaz e pode ser aplicada sobre as significações manifestas nos discursos (BARDIN, 2000).

A partir da análise realizada, elaborou-se um quadro com temas e subtemas que continha as falas dos entrevistados, recortadas e distribuídas, nas temáticas identificadas.

3 Resultados e discussão

Dois grandes temas foram identificados a partir da análise das falas dos entrevistados: 1) recursos pedagógicos e 2) estratégias de ensino. Para cada um desses temas, também foi possível identificar subtemas.

3.1 Recursos pedagógicos para o ensino

Foi possível constatar que a percepção que os entrevistados têm sobre recursos pedagógicos se refere aos objetos concretos que podem ser materiais ou equipamentos. As falas de três dos entrevistados exemplificam essa constatação.

(P1) Eu utilizo material dourado, revistas, livros, régua, vídeo, transparência, jornal, rádio.

(P2) Material... é recurso né? Recurso pedagógico. É, eu uso bastante coisa no concreto... material dourado, revistas, jornais, filmes, hum... retroprojeto, livro, caderno, jogos, ah, tem um montão de coisa que uso em sala.

(P4) Recurso, utilizo sempre, pois trabalho muito com o lúdico, com brinquedos... brincamos de faz-de-conta. Uso bastante material grande... grande assim, giz de cera, lápis de cor do grosso, hum... recur-

so... uso muito, pois as crianças precisam muito do concreto, toda hora eu uso.

Essa concepção se assemelha, conforme citado anteriormente, ao preconizado por Manzini (1999) e Manzini e Deliberato (2007), ao definir recurso pedagógico. Salienta-se que P4 mencionou a brincadeira de faz-de-conta, que não necessita de um recurso pedagógico concreto e manipulável, uma vez que essa atividade ocorre no imaginário dos alunos.

Quando foi investigada a necessidade de adaptação dos recursos, pôde-se constatar que quatro dos professores se referiram as modificações concretas nos recursos e essas modificações estavam relacionadas às características dos alunos com deficiência:

(P1) Pra ela, eu tenho que aumentar tudo, então um caderno com linhas maiores, reforço a linha do caderno dela com linhas mais escuras.

(P2) Adaptado, ah, acho que a folha dele que eu marco as linhas, sabe? Eu tenho que passar caneta sobre as linhas do caderno... ah, não sei explicar direito, mas... tem que ser duas linhas, sabe? É para que possa escrever com a letra maior, se não demora muito para copiar, escrever.

(P5) Eu tenho que mudar muita coisa para ela... Ela precisa de tudo aumentado. Tiro xerox ampliado das apostilas, dos trabalhos que dou em sala, ela senta bem próximo da lousa para copiar e mesmo assim eu tenho que ditar, quando vai copiar de um livro ela aproxima bem a visão.

(P3) [...] Utilizo também, escrita baseada no visual e o material concreto de matemática com já falei.

Quando investigada a necessidade de adaptação dos recursos, dois professores indicaram mudanças na estratégia, sendo que um deles (P4) indicou claramente uma diferenciação entre recurso pedagógico e estratégia de ensino:

(P3) Adaptado, assim que modifico em sala... a comunicação. Tenho que mudar, preciso da LIBRAS, estou fazendo um curso para tentar ajudar, mas é difícil. [...].

(P4) Mudar o recurso?... não, isso pra ele não precisa, acho que não faço. Eu mudo a forma de falar com ele, as regras são sempre colocadas... sempre um amigo o ajuda a fazer atividade.

Para Santos (1998), a adaptação se faz necessária, pois proporciona aumento da auto-estima, que aumenta assim as potencialidades; facilita o cuidado e independência da criança frente aos familiares; previne e corrige deformidades, contraturas e retrações; inibe padrões anormais de movimento, diminui gasto energético na execução das atividades.

Para Schmitz (1984, p. 142), alguns objetivos do uso dos recursos:

[...] motivam e despertam o interesse; vitalizam a atividade do aluno, favorecem o desenvolvimento da capacidade de observação; reforçam a aprendizagem, possibilitando uma integração das diversas atividades; aproximam o aluno da realidade; visualizam ou concretizam os conteúdos da aprendizagem; fornecem material de experiência; ilustram noções mais abstratas; permitem fixação da aprendizagem; oferecem informações e dados.

Sobre a questão dos critérios utilizados pelos professores para adaptar recursos pedagógicos pôde-se constatar que os professores tiveram dificuldade em perceber e descrever que as adaptações deveriam estar relacionadas às características do aluno com deficiência.

(P1) Ah, eu penso na dificuldade (que) ela tem em enxergar, então eu fico... imagino como que deveria ser o tamanho da letra, como que deveria ser pra reforçar pra ela conseguir realizar a atividade.

(P2) Sei que ele tem dificuldade física... pêra aí... critérios? É, é isso que você quer saber? Entrevistador: É! Participante: É, então... a deficiência dele acaba exigindo a adaptação do material, do recurso.

(P3) Critérios?... É isso eu acabo fazendo... penso na dificuldade e na necessidade da aluna, hum... é... penso se ela vai compreender ou não os conteúdos.

(P4) Ah, eu vou vendo de acordo com o andamento (risos)... vejo o que está precisando.

(P5) Não tenho critérios, acho que a deficiência dela é que exige os recursos adaptados.

Essas falas podem ser interpretadas dentro da temática *formação de professores*. Apesar de descreverem que as adaptações foram realizadas em função das características dos alunos, quatro dos entrevistados não conseguiram descrever os critérios utilizados, ou seja, parece haver falta de uma concepção teórica para explicar o fazer pedagógico. Dessa forma, a descrição dos critérios para adaptação é apresentada genericamente em termos da deficiência do aluno.

Para realizar adaptação é necessário conhecer detalhadamente o desenvolvimento normal (biomecânico, motor e sensorial), conhecer as características do usuário por meio de uma avaliação funcional específica (dificuldades e potencialidades); avaliar o ambiente físico e realizar um levantamento das barreiras arquitetônicas e atitudinais existentes; ter claro e pré-determinado os objetivos pretendidos (SANTOS, 1998). Esses podem ser critérios claros e mensuráveis que o professor pode apropriar-se e utilizar em sua prática pedagógica.

Quando se investigou a necessidade de apoio para confecção do recurso pedagógico, os professores foram unânimes em afirmar a necessidade de conhecimento teórico e apoio de outros profissionais.

(P1) Ah, buscar entender a deficiência visual, como é com alguém especializado, ou até, buscar estudar mesmo.

(P2) Apoio, em relação à metodologia, metodologia diferenciada, em relação aos objetivos que devo atingir com essa aluna.. o conteúdo também, pois a direção ... secretaria acaba cobrando muito.

(P4) Se eu tivesse que adaptar, eu ia conversar com os outros profissionais da escola, eu acho.

(P4) Os pais auxiliam bastante, procuram ampliar as tarefas de pesquisa, mas a gente também. Aqui na escola, eu tenho apoio da coordenadora e direção, me auxiliam em tudo o que eu preciso com ela.

(P5) É essencial apoio de diferentes profissionais, mas a gente não tem... por exemplo, o apoio da fono, fisio, depende do caso.

Tendo como referencial essas falas, é possível interpretar que o professor especializado, principalmente aquele que atende alunos com deficiência em sala de recurso, teria um importante papel a cumprir na orientação do professor do ensino comum, uma vez que a presença de diferentes profissionais na escola é uma condição muito rara. Com certeza, os profissionais especializados e os professores habilitados podem garantir uma avaliação sistemática, o que efetiva a proposta de adaptação tanto do recurso como da estratégia. Porém, na descrição da rotina diária dos professores entrevistados não se observa essa prática, ou seja, não há uma equipe multidisciplinar e nem contato com professores da sala de recurso ou regular. Assim, faz-se necessário o apoio da direção e funcionários para colaborar com a confecção dos recursos.

3.2 Estratégias para o ensino

Ao se referirem às estratégias de ensino, pôde-se constatar que elas são direcionadas a todos os alunos. Poucas foram estratégias relatadas. Dentre elas, foram mencionadas a instrução (P2) e a retirada de estímulos para favorecer a atenção concentrada (P4):

(P1) Uso, várias... Pergunta: Quais? Você pode me falar sobre uma?
P1 (Permanece em silêncio)

(P2) Ah, acho que sim... acabo explicando as etapas da atividade, mas, isso faço para todos os aluno.

(P4) Procuo utilizar estratégias que favorecem diferentes situações educativas para o meu aluno..., hum... procuro facilitar a integração dele com os amigos, sentado este junto com alguém, realizando trabalhos em conjunto, coloco ele próximo da lousa e retiro um pouco dos estímulos visuais da sala para que ele não fique tão disperso... acho que é isso que faço por ele.

Ao se referirem às estratégias de ensino adaptadas, pode-se constatar que a percepção dos participantes se dirige para a rede de relações, como amigos e familiares, e para algo específico como a atividade.

(P1) Coloco ela sentada com algum amigo que poderá auxiliar ela, sempre coloca com alguém que ela tem mais afinidade, é... procuro envolvê-la nas atividades com as outras crianças.

(P2) Acho que estratégia é só de explicar mesmo, sabe, as etapas mesmo... ah, é... como a criança deve realizar a atividade.

(P3) Uso várias estratégias... a leitura e a escrita foi adaptada de acordo com a capacidade de compreensão da minha aluna. O material concreto e visual fundamental para o trabalho com a comunicação, facilita o processo de ensino e aprendizagem, pois não sei LIBRAS direito.

(P3) Na leitura, comunicação pelas Libras, como já falei.

(P4) Procuro manter uma rotina, para isso conversei com a mãe primeiro e ela foi trabalhando com ela em casa também... sabe? todos os dias conversando com ela sobre o que foi feito no dia, e já comentava sobre o dia seguinte, sobre a rotina, não as atividades. Isso ela não precisava se preocupar, mas sim em comentar se teria uma aula de educação física ou se teria uma mudança na rotina... como um teatro ou passeio, sabe? Isso ajuda ele (a) não ficar tão agitado, mas acho que isso não é adaptação.

(P5) Acho que sentar com os amigos, ditar algumas coisas.

(P5) Estratégias... estratégias, acho que pôr perto da lousa isso é uma estratégia que eu uso bastante.

Observando os relatos, é possível interpretar a dificuldade de os professores perceberem e descreverem as estratégias de ensino. Como apontado anteriormente, sem uma base teórica que diferencie o recurso de ensino da estratégia de ensino, o professor terá dificuldade em explicitar e explicar os seus procedimentos de ensino. Novamente, esta parecer ser um problema de formação conceitual, necessário para o ensino de alunos com ou sem deficiência.

Felizmente, essa tem sido uma das dificuldades já identificadas pelas agências que estimulam a formação de professores, como o MEC, em particular, pelas publicações financiadas pela SEESP, por meio do Portal de Ajudas Técnicas e por meio de outras publicações (SIAULYS, 2005; MANZINI; DELIBERATO, 2007), que indicam, claramente, quais os recursos que podem ser construídos e exemplos de estratégias para serem utilizadas com esses recursos.

Apesar de Schmitz (1984) apontar que “[...] cabe ao professor julgar os momentos e as oportunidades para a adoção de um ou outro recurso, e

especialmente a combinação de vários deles, na medida de sua necessidade e dos resultados que se pretendem obter”, essa ainda parece não ser uma tarefa fácil, não se trata pois de criatividade, mas de formação conceitual para lidar com esse tema.

Considerações finais

Por meio das informações apresentadas nas entrevistas, concluiu-se que os participantes do estudo indicaram a utilização de recursos pedagógicos e algumas de suas adaptações. Salienta-se que a percepção que demonstraram sobre recursos para o ensino equivale à definição proposta pela literatura. Porém, pode-se interpretar que os professores indicaram desconhecer recursos específicos para alguns tipos de deficiência, que poderiam ser utilizados em sala de aula. Por exemplo, principalmente no ensino do aluno com deficiência auditiva ou com surdez, existe, no mercado, uma série de recursos que poderiam ser utilizados em sala de aula, como, por exemplo, mapas em Libras, jogo de memória em Libras, livros impressos com estória em Libras.

Quanto ao uso de estratégias de ensino, pôde-se constatar certa lacuna teórica, por parte dos entrevistados, para que esse tema pudesse ser claramente investigado. Esse dado parecer ser importante na medida em que remete o tema para cursos de formação continuada, momento em que as concepções teóricas sobre ensino e aprendizagem poderiam ser aprofundadas e as inovações sobre recursos pedagógicos adaptados poderiam ser explicitadas e discutidas.

Referências

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2000.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais: educação especial**. Brasília, 1999.
- MANZINI, E. J. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada. In: MARQUEZINE, M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE, S. **Colóquios sobre pesquisa em educação especial**. Londrina: Eduel, 2003. v. 1, p. 11-26.
- MANZINI, E. J. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS, 2, 2004. Bauru. A pesquisa qualitativa em debate. **Anais...** Bauru: USC, 2004. CD-ROOM.
- MANZINI, E. J. Recursos pedagógicos para o ensino de alunos com paralisia cerebral. **Revista Mensagem da Apae**, v. 36, n. 84, p.17-21, 1999.

MANZINI, E. J.; DELIBERATO, D. **Portal de ajudas técnicas**: equipamento e material pedagógico para educação – recursos adaptados II. Brasília: ABPEE/MEC/SEESP, 2007.

MASSETTO, M. **Didática**: a aula como centro. São Paulo: FTB, 1995.

SANTOS, L. B. Adaptações na paralisia Cerebral. In: SOUZA, A. M. C.; FERRARETO, I. (Org.). **Paralisia cerebral**: aspectos práticos. São Paulo: Frôntis, 1998.

SCHMITZ, E. F. **Didática moderna**: fundamentos. 6. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1984.

SIAULYS, M. O. C. **Brincar para todos**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2005.

Correspondência

Walquíria Gonçalves Reganhant – Rua Vitória n. 4-81 Jd. Bela Vista, Cep: 17060-630, Bauru (SP).

E-mail: profwalkiria@hotmail.com

Recebido em 30 de março de 2009

Aprovado em 14 de junho de 2009

